

PENSANDO INTERAÇÕES GEOGRÁFICAS COM ESTUDANTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19

Heloise Canal

Mestra em Geografia

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3173699498059476>

E-mail: heloise.canal@ufrgs.br

Saionara Regina Pires Rodrigues

Mestra em Geografia

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2058968631985398>

E-mail: saionara.rodrigues@ufrgs.br

Dossiê

Recebido em: 12 de Julho de 2021

Aceito em: 13 de Setembro de 2021

RESUMO

Este artigo objetiva relatar a experiência de ensino remoto voltada a espaços não formais realizada em escola do município de Porto Alegre (RS) que acolhe estudantes em situação de vulnerabilidade social, grande parte em situação de rua. Para tanto, são apontados o contexto de educação não formal e suas possíveis aproximações com a disciplina de Geografia, a descrição do espaço educativo e uma abordagem específica sobre a educação no atual momento de pandemia de Covid-19. Como resultado, é apresentado um quadro sobre o planejamento e a construção de práticas pedagógicas específicas neste contexto de distanciamento social causado pela pandemia de Covid-19 e as considerações finais sobre as propostas realizadas para uma das turmas de estudantes.

Palavras-chave: Educação não formal. Ensino de Geografia. População em situação de rua. Covid-19.

PENSANDO LAS INTERACCIONES GEOGRÁFICAS PARA ESTUDIANTES EN SITUACIÓN DE VULNERABILIDAD SOCIAL EN EL CONTEXTO DE PANDEMIA DE COVID-19

Este texto tiene como objetivo reportar la experiencia de enseñanza remota realizada en una escuela de la ciudad de Porto Alegre (Brasil) que acoge a estudiantes en situaciones de vulnerabilidad social, la mayoría de jóvenes sin hogar. Para ello, se señala el contexto

de la educación no formal y sus posibles aproximaciones con la asignatura de Geografía, la descripción del espacio educativo y un enfoque específico sobre la educación en el actual momento pandémico del Covid-19. Como resultado, se presenta una tabla sobre la construcción de prácticas pedagógicas específicas en este contexto de pandemia de Covid-19.

Palabras Clave: Personas sin hogar. Enseñanza de Geografía. Covid-19. Enseñanza remota.

INTRODUÇÃO

Entendemos que experienciar a docência é, antes de tudo, reconhecer a educação como plural. Tanto quanto nos espaços convencionais de ensino, a educação em espaços não escolares é construída por e com “sujeitos marcados pela tensão, diversidade e desigualdades” (GOMES, 2020), como comunidades quilombolas, indígenas, pessoas em situação de rua, população LGBTQIA+, etc. Daí também reconhecer o caráter emancipatório que faz parte da história da educação brasileira (GOMES, 2020). Este texto objetiva relatar a experiência de ensino voltada a espaços não formais, realizada na disciplina de Estágio Supervisionado em Geografia II, ligada ao curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A prática da disciplina foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre - EPA, localizada na cidade de Porto Alegre (RS)¹.

Para tanto, o texto está dividido em três partes. Na primeira, discutimos o contexto de educação não formal e suas possíveis aproximações com a disciplina de Geografia. Num segundo momento, trazemos o estudo sobre o espaço educativo com o objetivo de ampliar o reconhecimento sobre o local e fazer o levantamento de suas principais demandas. Na terceira parte, abordamos o contexto específico sobre a educação no momento da pandemia de Covid-19, bem como apresentamos o resultado do planejamento e da construção das práticas pedagógicas.

¹ Este artigo foi elaborado como pré-requisito parcial de conclusão de Estágio Supervisionado em Geografia II - semestre 2020/2, no Curso de Licenciatura em Geografia - UFRGS, tendo como orientadoras as professoras Denise Wildner Theves e Élica Pasini Tonetto e, como supervisora a professora Daniela Cardoso da Silva, da Escola Municipal Porto Alegre - EPA.

O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E SUAS APROXIMAÇÕES COM A GEOGRAFIA

Gomes (2020) ressalta que tanto os espaços escolares como os espaços não escolares fazem parte do nosso processo de formação humana e social. As ações e práticas nestes contextos se concretizam a partir da reflexão sobre si e sobre o seu entorno, ultrapassando, assim, o que se entende geralmente como prática. Todos estes espaços de socialização - a escola, a família, o bairro, os meios de comunicação em massa, etc - são espaços de educação. Todos atuam, de forma intencional ou não, na nossa subjetividade e na nossa noção de pertencimento ao mundo, inserindo-nos numa cultura. Contudo, existem diferenciações entre estes tipos de educação.

Gohn (2006) faz uma análise comparativa entre três categorias de educação: a formal, a informal e a não formal. Para diferenciar a educação formal, aquela tradicionalmente desenvolvida nas instituições escolares, da educação não formal, a autora menciona que, diferentemente das normatizações, regras e padrões que são pressupostos no ambiente escolar, a educação não formal tem como um dos principais pontos de atuação a construção da identidade coletiva do grupo.

Ela ocorre em ambientes e situações interativos construídos coletivamente, segundo diretrizes de dados grupos e fundamenta-se no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo (GOHN, 2006, p. 29).

Embora não possua a organização por séries, idades ou conteúdos dos espaços escolares, a educação não formal não é espontânea como a educação informal, aquela própria da socialização na família, vizinhos, etc. A educação não formal pressupõe método e, acima de tudo, “uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes” (GOHN, 2006, p. 29).

Nos apoiamos nos seguintes conceitos: pedagogias da diversidade (GOMES, 2020) como “aquelas realizadas por sujeitos sociais que vivem as diferenças, assumem as diferenças e lutam pelo reconhecimento das diferenças”; educação não formal de Gohn (2006, p.28) como “aquela que se aprende no mundo da vida, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas”; a ideia do professor como artesão reflexivo, "aquele que constrói, enquanto

pratica seu ofício, sua nova identidade, a de professor" (KAERCHER & TONINI, 2017, p. 251) .

No âmbito da Geografia, podemos combinar a visão de Gomes (2020) e de Gohn (2006), sobre o conceito e a importância da educação não formal, com Kaercher & Tonini (2017), os quais ressaltam a Geografia para além de uma disciplina escolar: "a Geografia como uma prática existencial. A Geografia como um diálogo comigo e com os que estão comigo no mundo. Para ser é preciso estar." (KAERCHER & TONINI, 2017, p. 253). Se a Geografia está para além de uma disciplina escolar, como pensar a sua prática reflexiva em espaços não convencionais? Não há como avançar neste desafio sem considerar as especificidades e demandas de cada espaço. A seguir, caracterizamos um pouco da instituição onde foram realizadas as práticas educativas.

ESTUDO E RECONHECIMENTO DO ESPAÇO EDUCATIVO "EPA"

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Alegre (EPA) iniciou no ano de 1995 com o ensino voltado para crianças e adolescentes em situação de rua. Após a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e das políticas de proteção a estes públicos, a escola gradativamente foi se tornando uma Escola para Jovens e Adultos (EJA) voltada a alunos em situação de vulnerabilidade extrema e, grande parte, em situação de rua. Localizada no Centro Histórico de Porto Alegre (RS), enfrenta atualmente as tentativas de fechamento da primeira e uma das únicas instituições de ensino no Brasil voltadas especificamente a estes públicos. A Política Nacional para População em Situação de Rua por meio do Decreto nº 7053 de 2009, define População em Situação de Rua como:

O grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2010 p. 52).

O estudo censitário da população de rua na cidade de Porto Alegre realizado em 2016 pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio

Grande do Sul (IFCH/UFRGS), apontou a existência de 2115 pessoas adultas em situação de rua no período da pesquisa:

O perfil populacional possível de ser constituído pelos dados de campo aponta que a população de rua na cidade de Porto Alegre é majoritariamente masculina (85,5%), nasceu em Porto Alegre ou na região metropolitana da cidade (59,1%), tem mais de 35 anos (61,4%). Em sua maioria, possuem o ensino fundamental incompleto (57,4%), dormem cotidianamente e prioritariamente em lugares de risco e improvisados e com forte exposição ao ambiente natural (52,1%). Mais de 60% da população estudada afirmam possuir documentos importantes como Carteira de Identidade (65,4%), CPF (61,4%) e Certidão de nascimento (61,3%) e mais de 70% (75,1%) destaca não ter outro familiar em situação de rua, embora relatem a presença de filhos em 75,9% dos casos (IFCH/UFRGS, 2016, p. 96).

A dissertação de Martinez (2012) sobre as relações existentes entre a escola e a cidade a partir do estudo de caso da EPA, foi de fundamental importância para compreender previamente o contexto deste espaço educativo. O relato histórico que o autor faz para o período da década de 1990 às décadas 2000-2010 traz as mudanças da idade do público-alvo e a complexificação das situações de vulnerabilidade:

[...] Se em outro momento da cidade era fácil identificar quem era de rua ou quem tinha residência, hoje existem diversas instâncias institucionais para acolher situações paralelas e intermediárias entre estas duas definições. Os jovens que outrora fugiam de casa para procurar o centro, hoje fazem um movimento mais curto e fluido dentro dos próprios bairros. Ou ainda, procuram a rua, mas como rua-sobrevivência, e não rua-moradia. Circulam no centro da cidade, consomem drogas, relacionam-se com grupos de rua e, no final do dia (ou da noite), retornam para seus bairros, suas comunidades, suas residências. A imagem midiática do menino-de-rua – grupos de crianças ou jovens drogados em marquises de prédios dormindo em colchões velhos – não desaparece, mas certamente se diversifica (MARTINEZ, 2012, p. 54).

No estudo de Martinez (2012), pôde-se identificar um pouco mais sobre os espaços de circulação destes jovens na cidade, a concepção dos educadores e sua articulação no trabalho pedagógico, os serviços específicos disponibilizados. A EPA, embora seja um espaço escolar institucionalizado, se constitui como um espaço não formal dentro da concepção de Gohn (2006). Isso porque “(...), possui uma proposta na emancipação pessoal e social para seus alunos e constitui-se como um espaço de acolhimento, socialização e construção de conhecimentos” (ROLLSING; MOURA,

2020, p.2).

As leituras sobre a EPA mostraram que este espaço se insere como um entre-meio entre espaço formal e não formal, em que muitas potencialidades de emancipação individual e coletivas são podem ser criadas. A EPA tem como objetivo o atendimento de crianças e jovens que se encontram em situação de rua, não só em relação à aprendizagem, contempla acolhimento através das ações pedagógicas. Esse acolhimento se dá a partir do diálogo, pois também busca a trajetória e a história de vida do estudante e, a partir disso, examinar e colocar em prática a melhor forma de interação.

PLANEJAMENTO E CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM MEIO AOS DESAFIOS DA PANDEMIA DE COVID-19

Sem dúvida, foi necessário um momento específico de reflexão sobre as consequências do nosso fazer docente nesse espaço num período de distanciamento social e ensino remoto que a pandemia de Covid-19 causou. No texto de Bedin (2021), há uma reflexão sobre a exposição dos nossos corpos a uma espécie de não enquadramento ao espaço-tempo em que nos encontramos, seja o espaço público aos que não podem realizar suas atividades remotamente, seja o espaço da casa àqueles que podem. Mas o que dizer quando a rua é o próprio espaço público e privado, como no caso das pessoas em situação de rua?

O diálogo estabelecido com a escola, por meio de coordenação pedagógica, foi importante para compreender o contexto político e os tensionamentos mais recentes destes jovens. Uma das percepções dos professores e da coordenadora pedagógica é de que, com a pandemia de Covid-19, muitos daqueles que se mantinham em pensões, estão nas ruas por conta do término do auxílio emergencial. A transformação da rotina diante deste novo quadro, gera para alguns a desorganização nos estudos.

Sobre as atividades de ensino durante o período de pandemia, os professores e a coordenadora pedagógica explicaram que, até o decreto de bandeira preta no estado do Rio Grande do Sul², havia a distribuição na própria escola de materiais impressos, bem

² O Rio Grande do Sul foi dividido em 20 regiões, que são analisadas considerando a velocidade de propagação da Covid-19 e a capacidade de atendimento do sistema de saúde. Conforme o grau de risco em saúde com relação à pandemia de Covid-19, cada região do estado recebe uma bandeira nas cores amarela, laranja, vermelha ou preta. A bandeira preta é o grau máximo de restrição por protocolos obrigatórios,

como divulgação na página do Facebook, já que alguns possuíam acesso remoto. No entanto, em função da decretação da “bandeira preta” para todo o estado, com maiores restrições de atividades econômicas e sociais, não estava sendo possível a disponibilização de material impresso. Assim, esta entrega seria feita conforme o retorno a bandeiras mais brandas.

Figura 1: Postagens da Escola Porto Alegre (EPA) no momento de pandemia de Covid-19



Fonte: <<https://www.facebook.com/emef.epa>> acesso em 10 de abril de 2021.

A partir do reconhecimento maior sobre o local de estágio, constatamos que foram muitos os desafios para a realização desta prática, além do já mencionado sobre a impossibilidade de ocorrerem encontros presenciais devido à pandemia de Covid-19. Dentro dos relatos dos estagiários anteriores, que também tiveram que se adaptar ao contexto, um ponto que foi muito ressaltado é a falta de contato, mesmo que remoto, com os alunos. Sabemos que a educação formal pressupõe conteúdos previamente demarcados em que o professor geralmente atua com certa autonomia de adaptação aos conteúdos previstos em lei. No entanto, Gohn (2006, p.32) enfatiza que na educação não formal:

(...) as metodologias operadas no processo de aprendizagem partem da cultura dos indivíduos e dos grupos. O método nasce a partir de problematização da vida cotidiana; os conteúdos emergem a partir dos temas que se colocam como necessidades, carências, desafios,

abrangendo inclusive a suspensão de atividades presenciais em escolas. Fonte: <https://www.rs.gov.br/carta-de-servicos/servicos?servico=1280>

obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas; os conteúdos não são dados a priori. São construídos no processo.

Assim, procurando preencher esta lacuna de não poder conhecer diretamente os alunos, buscou-se o levantamento de temáticas e atividades realizadas nos estágios anteriores. A sistematização de duas práticas realizadas na EPA em 2020 apontou que as temáticas abordadas foram: gentrificação; mudanças e permanência na paisagem urbana, consumo e descarte de lixo, processos de urbanização e sistemas fluviais e pluviais e desastres. Todos os temas atrelados a espaços vividos por estes sujeitos como a Orla do Guaíba, o bairro Cidade Baixa, o Mercado Público, Arroio Dilúvio, etc. Outra fonte importante para o levantamento de temáticas é por meio dos percursos de vida destes alunos. Utilizamos como estudo e como material de proposta pedagógica as edições online disponíveis do Jornal “Boca de Rua”³.

Bem como defende Martinez (2012) sobre qual seria a Geografia da EPA, escolhemos a cidade e o espaço vivido destes alunos como fio condutor para as atividades e, mais especificamente, o direito à cidade como um problematizador em comum. Um ponto a ser destacado sobre as atividades é que, no momento do estágio, Porto Alegre passava pelo seu pior momento em número de casos e mortes desde o início da pandemia de Covid-19. A decretação da “bandeira preta” impossibilitou qualquer entrega de material impresso e interação presencial na escola, diferentemente do que ocorreu em estágios anteriores. Assim, chamamos as atividades de postagens, já que foram pensadas especificamente para serem publicadas na página da EPA na rede social Facebook. Também denominamos “planos de interação” o que seriam os tradicionais planos de aula ou atividade. Demonstramos no quadro a seguir o tema de cada postagem, os objetivos e os recursos utilizados⁴.

³ O número zero do jornal Boca de Rua circulou pela primeira vez em Porto Alegre em janeiro de 2001. Surgiu exatamente no Primeiro Fórum Social Mundial. (...) Ele é inteiramente feito por moradores de Rua e pessoas em situação de vulnerabilidade social. <https://jornalbocaderua.files.wordpress.com/2015/08/34-boca-de-rua-jan-fev-mar-10.pdf>

⁴ Os resultados das práticas em forma de postagens podem ser acessados em: <<https://www.facebook.com/emef.epa>>

Quadro 1: Planejamento de postagens para publicação na página da escola pela rede social Facebook

	TEMA	OBJETIVO	RECURSOS
Postagem 1	O que a Geografia (também) estuda?	Identificar a partir das charges o que se estuda em Geografia relacionando com o direito constitucional à moradia e com as desigualdades sociais	Vídeo na rede social “Facebook” da escola
Postagem 2	Cidade hostil e Direito à Cidade	Identificar através de exemplos cotidianos de Porto Alegre o conceito de “Arquitetura Hostil” Conhecer o conceito de Direito à Cidade presente na Constituição Federal de 1988	“Cards” em forma de fotos postados na rede social “Facebook” da escola
Postagem 3	A história do Parque Redenção (ou Farroupilha) e a polêmica sobre seu cercamento	Conhecer a história do Parque Redenção; Identificar argumentos contra e a favor sobre o cercamento do parque	“Cards” em forma de vídeo postados na rede social “Facebook” da escola
Postagem 4	O que é um lugar para você?	Reconhecer o lugar como uma porção do mundo vivido, com o qual conectamos memórias	“Cards” em forma de vídeo postados na rede social “Facebook” da escola

Fonte: Elaboração das autoras (2021)

Buscamos o conteúdo simbólico mostrando que a Geografia estuda a cidade, o quanto essa pode ser hostil através de sua arquitetura, que os parques têm suas histórias e que o lugar nos pertence a partir da associação com as memórias depositadas nas camadas do tempo conformando esse lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de educação na Escola Porto Alegre está direcionada à superação das desigualdades, à inclusão de oportunidades que um estudante possa ter direcionando-o ao despertar de um existenciar-se, enquanto sujeito que conhece seus direitos, principalmente de ser respeitado por sua origem étnica, sua opção religiosa, enfim, não

sucumbir aos estigmas e mudar os paradigmas. Assim são as ações com base em solidariedade, compreensão e acolhimento.

Para realizar as atividades desse estágio, buscamos estudar a cidade, eleita a temática norteadora dos planos de interação e percebemos que a vida cotidiana dela é moldada nas próprias ações dos indivíduos, e o perfil dos alunos da escola EPA, é o de pessoas que habitam e transitam pela cidade, uma vez que são moradores de rua. Eles são os personagens das narrativas da vida urbana que se desenrola e a vivem coletivamente, configurando-a como espaço vivido.

Nosso propósito didático debruçou-se sobre a provocação das memórias através de imagens que possam ser lembradas pelos estudantes e quais as sociabilidades experimentadas, assim como favorecer seus conhecimentos sobre a cidade. Tentamos mostrar que a cidade é uma justaposição de espaços, que possui descontinuidades que nos desafiam e nos levam a buscar novos caminhos, que os lugares podem ser nossos, pois independente de onde estivermos o direito a cidadania é o verdadeiro acolhimento, não só nas ruas, mas na cidade, no país e no mundo como um todo.

Esta experiência de ensino remoto voltada a espaço não formal remete ao pensamento de que a contribuição com os professores através dos planos de interação, compartilha conhecimentos desenvolvidos com os os estudantes e colabora com o desenvolvimento social, moral e intelectual tanto para a prática do estágio, como para os estudantes. No que se refere ao desenvolvimento social, as propostas de postagens buscaram desenvolver mudanças positivas nas relações entre eles e a cidade. Em relação ao desenvolvimento moral, buscaram conduzir os estudantes a permear sua relação com a cidade sistematizado em valores e regras que favoreçam o convívio coletivo, reconhecendo simultaneamente seus papéis de cidadãos. Relativamente ao desenvolvimento intelectual, os conteúdos dos planos de interação levam os estudantes a cogitar sobre seu ambiente, resultando em novas formas de conhecimento, atribuindo-lhes outros significados.

REFERÊNCIAS

Acervo **Jornal Boca de Rua**, 2015. Disponível em: <https://jornalbocaderua.wordpress.com/acervo/>. Acesso em: 29 abr. 2021.

BUENO, Laura Cardoso; DALL'AGNESE, Júlia; WINK, Gabriele Ozório. **Adaptações**

pedagógicas: reflexões sobre o desenvolvimento do estágio docente em geografia no contexto pandêmico, 2020. [manuscrito]

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 45–56, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782008000100005>

COSTA, Luciano Bedin da. É tanta coisa para tão pouco corpo. **Jornal da Universidade - UFRGS**, Porto Alegre, 4 mar. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/e-tanta-coisa-para-tao-pouco-corpo/>. Acesso em: 29 abr. 2021.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. v. 14, n. 50, p. 27–38, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Mesa de Abertura do XX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. In: **XX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**, 2020, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kBcEJG6vpU0&feature=youtu.be>. Acesso em: 18 fev. 2021.

IFCH/UFRGS (Instituto de Filosofia e Ciência Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul). **Cadastro e Mundo da População Adulta em Situação de Rua de Porto Alegre/RS**. Contrato entre a FASC e a UFRGS / FAURGS e executado pelo IFCH/UFRGS, 2016.

KAERCHER, Nestor André; TONINI, Ivaine Maria. M. Artesania, felicidade, empatia: assuntos não geográficos para o estagiário de Geografia construir sua identidade docente. **Geographia Meridionalis**, v. 3, n. 2, p. 251, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/gm.v3i2.11864>

MARTINEZ, César Augusto Ferrari. **O Currículo vai à rua ou a rua vem ao currículo?** 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/56337>. Acesso em: 23 fev. 2021.

ROLLSING, Carolina Bernardes; MOURA, Natasha Santos de. **Geografizando a cidade:** A educação não formal no ensino de geografia em tempos de distanciamento social, 2020. [manuscrito]

THEVES, Denise Wildner; TONETTO, Élide Pasini. **A docência em geografia com estágios em espaços educativos diversos**. No prelo.

AGRADECIMENTOS

À Escola Porto Alegre pelo acolhimento, especialmente à professora Daniela Cardoso da Silva. Às professoras Denise Wildner Theves e Élide Pasini Tonetto pela orientação e supervisão de estágio.

COMO CITAR

CANAL, H.; RODRIGUES, S. R. P. PENSANDO INTERAÇÕES GEOGRÁFICAS COM ESTUDANTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID-19. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – RIEC**, v.5, n.1, p. 92-103, 2022.